HUMANAS E SOCIAIS
V.13 • N.1 • 2026 • Publicação Contínua

ISSN Digital: 2316-3801
ISSN Impresso: 2316-3348
DOI: 10.17564/2316-3801.2026v13n1p142-155

INTERFACES CIENTÍFICAS

EXPERIÊNCIAS DOCENTES E A DIVERSIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO TOCANTINS: UMA ANÁLISE BIOGRÁFICA

TEACHING EXPERIENCES AND GENDER AND SEXUAL DIVERSITY IN TOCANTINS: A BIOGRAPHICAL ANALYSIS

EXPERIENCIAS DOCENTES Y LA DIVERSIDAD DE GÉNERO Y SEXUALIDAD EN TOCANTINS: UN ANÁLISIS BIOGRÁFICO

Ewerton Ferreira Dias[1]
Ederson dos Reis Soares[2]
José Damião Trindade Rocha[3]

RESUMO

A diversidade de gênero tem sido um assunto amplamente discutido em todas as áreas do saber, especialmente no contexto das Ciências Humanas. Para colaborar com o referido debate, este artigo tem como objetivo investigar experiências de professores homossexuais no espaço escolar, por meio de uma abordagem metodológica que combina o método biográfico e o bola de neve. A fundamentação teórica está alojada no campo das discussões sobre diversidade de gênero no âmbito da sociologia crítica. A metodologia biográfica é relevante para compreender as vivências e identidades dos educadores, suas práticas pedagógicas e suas interações no ambiente escolar. Foram entrevistados três professores homossexuais que trabalham como docentes na educação pública do Tocantins. Os resultados revelam que os professores homossexuais desempenham um papel crucial na promoção de um ambiente educacional mais inclusivo. Ao dar visibilidade a essas vozes, é possível contribuir para a construção de uma escola mais acolhedora, que reconheça a diversidade em todas as suas formas, combatendo a discriminação e o bullying.

PALAVRAS-CHAVE

Discriminação. Diversidade Sexual e Gênero. Preconceito e Inclusão Escolar. Professores Homossexuais.

ABSTRACT

Gender diversity has been widely discussed across all fields of knowledge, especially within the context of the Human Sciences. In order to contribute to this debate, this article aims to investigate the experiences of homosexual teachers in the school environment through a methodological approach that combines the biographical method and snowball sampling. The theoretical framework is grounded in discussions on gender diversity within the field of critical sociology. The biographical methodology is relevant for understanding educators lived experiences and identities, their pedagogical practices, and their interactions within the school setting. Three homosexual teachers working in public education in Tocantins were interviewed. The results reveal that homosexual teachers play a crucial role in promoting a more inclusive educational environment. By giving visibility to these voices, it is possible to contribute to the construction of a more welcoming school that recognizes diversity in all its forms, combating discrimination and bullying.

KEYWORDS

Discrimination; sexual and gender diversity; prejudice and school inclusion; homosexual teachers.

RESUMEN

La diversidad de género ha sido un tema ampliamente discutido en todas las áreas del conocimiento, especialmente en el contexto de las Ciencias Humanas. Con el fin de contribuir a dicho debate, este artículo tiene como objetivo investigar las experiencias de profesores homosexuales en el espacio escolar, mediante un enfoque metodológico que combina el método biográfico y el muestreo de bola de nieve. El marco teórico se sitúa en el campo de las discusiones sobre diversidad de género en el ámbito de la sociología crítica. La metodología biográfica resulta relevante para comprender las vivencias e identidades de los educadores, sus prácticas pedagógicas y sus interacciones en el entorno escolar. Se entrevistó a tres profesores homosexuales que se desempeñan como docentes en la educación pública del estado de Tocantins. Los resultados revelan que los profesores homosexuales desempeñan un papel crucial en la promoción de un entorno educativo más inclusivo. Al dar visibilidad a estas voces, es posible contribuir a la construcción de una escuela más acogedora, que reconozca la diversidad en todas sus formas y combata la discriminación y el acoso escolar.

PALABRAS CLAVE

Discriminación. Diversidad sexual y de género. Prejuicio e inclusión escolar. Profesores homosexuales.

1 INTRODUÇÃO

As discussões sobre diversidade de gênero têm ganhado a atenção de diversas áreas do saber. No que se refere às Ciências Humanas, o mencionado debate procura levar em consideração aspectos sociológicos que ajudam na contextualização da interação entre as pessoas, bem como as diferentes perspectivas culturais que envolvem essa temática (Roseno; Auad, 2021).

Nesse contexto, o corpo passa a ser representado como um instrumento de representação do "eu" que se constitui a partir do "outro". Em outras palavras, o olhar acerca do corpo envolve contornos que extrapolam a percepção unicamente física, convidando-nos a refletir sobre aspectos sociológicos e psicológicos que impactam na maneira como o sujeito, por intermédio do corpo, se percebe e se reconhece no mundo (Butler, 2014a).

Este artigo tem como objetivo investigar as experiências de professores homossexuais nos espaços escolares do Tocantins por meio de uma abordagem metodológica que combina os métodos biográfico e bola de neve. Compreendemos que esse propósito pode ser eficiente para o campo das Ciências Humanas, pois apresenta pontos relevantes acerca da problematização do comportamento social a partir da maneira com a qual o mundo passa a ser visto pelos participantes da pesquisa.

A presente fundamentação teórica aloja-se no campo das discussões sobre diversidade de gênero no âmbito da sociologia crítica. Desse recorte, nos interessamos mais pelas discussões acerca do gênero como construção social, posto que não se trata, pois, de um fenômeno de representação fixa. De maneira controversa, compreendemos que consiste em um conjunto de atos performáticos alojados na interface entre a liberdade individual e a interação coletiva (Butler, 2014a; Butler, 2014b).

A metodologia biográfica em uso neste trabalho compreende as vivências e as identidades dos educadores analisados, suas práticas pedagógicas e suas interações no ambiente escolar (Delory-Momberger, 2012). Para esse levantamento inicial, entrevistamos três professores homossexuais que trabalham como docentes na educação pública do Tocantins. Os sujeitos da pesquisa, ao relatarem suas experiências como professores homossexuais por meio de entrevistas orais, contribuíram de forma significativa para a construção deste estudo.

Destaca-se que todos os depoimentos foram realizados mediante consentimento livre e esclarecido, com autorização expressa para utilização acadêmica, resguardando-se os princípios éticos da pesquisa. Suas narrativas revelam vivências marcadas por desafios, enfrentamentos e estratégias de resistência no cotidiano escolar, constituindo-se como fontes fundamentais para a compreensão das dinâmicas de discriminação e das práticas pedagógicas atravessadas pela orientação sexual.

A escolha do método biográfico justifica-se pela sua capacidade de revelar como as experiências de vida e as identidades dos indivíduos moldam suas interações e práticas dentro da escola. A partir das reflexões de Delory-Momberger (2012), ressaltamos que a biografia é um campo de representações que permite a apreensão das vivências e a interpretação das ações dos sujeitos. Ao nos dispormos a ouvir esses professores e considerarmos suas vozes, consequentemente, documentamos suas experiências e destacamos a importância das suas contribuições e dos seus saberes no espaço educacional.

Por fim, compreendemos que os resultados revelam que professores homossexuais desempenham um papel crucial na promoção de um ambiente educacional mais inclusivo. É possível, sim, contribuirmos para a construção de uma escola mais acolhedora, isto é, que reconheça a diversidade em todas as suas formas.

2 GÊNERO E DIVERSIDADE NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS

Nessa seção, passamos a discorrer sobre as contribuições de Tardif (2002), Louro (2014), Butler (2024a; 2024b) e outros autores relevantes no campo da temática mencionada. Todavia, observamos que as reflexões de cada autor supracitado partem de métodos diferentes, mas seus conceitos nos permitem entrar em um campo de investigação plausível para as discussões propostas neste artigo.

O entendimento dessas discussões dá-se de maneira crítica e reflexiva no que tange às narrativas e expectativas de muitos gays como profissionais da educação. Conforme Tardif (2002), as experiências vividas não podem ser separadas das práticas pedagógicas, nesse caso específico, afetam os espaços escolares tocantinenses, ou seja, somos gays e professores (e vice-versa)[3], vivenciando o preconceito por conta de nossa orientação sexual que, sem dúvida, atravessa nossas práticas pedagógicas. Muitas das ações cotidianas em voga nas escolas partem de doutrinas e normativas de teor discriminatório.

Entretanto, ainda conforme Tardif (2002), entendemos que nós, professores, somos plurais e que nossas pluralidades estão presentes nas escolas. Nós, que vivenciamos o espaço escolar, muitas vezes, não dizemos abertamente que somos gays. Quando o fazemos, somos atacados por meio de atitudes preconceituosas e raivosas. Conforme Butler (2024a), muitos daqueles que têm medo das questões gênero costumam se autointitular defensores da "família" e dos "bons costumes", melhor, dos hábitos heteronormativos"[4].

Butler (2024a) traz ainda tópicos importantes para esta discussão, tais como, recentemente, o *gênero* se tornou I) uma questão assustadora e II) um fantasma com altos poderes destrutivos. Notamos esse sentimento de medo atravessando as escolas em práticas discursivas que nos transformam em destruidores dos "valores" e "bons hábitos".

Diante disso, é pertinente relembrar Tardif (2002), quando reforça que os saberes dos professores são sociais, pois estão interligados às suas práticas. Assim sendo, mesmo diante do cenário de discriminação nos espaços escolares em relação aos professores gays, como reforçam Auad e Roseno (2021), cabe dizer que o "reconhecimento das distintas opressões vivenciadas", no que se refere às narrativas desses professores, levou-nos à compreensão dos nossos objetos de estudo[5].

3 As experiências analisadas neste estudo não se restringem apenas aos sujeitos entrevistados, mas também atravessam os(as) próprios(as) autores(as), que igualmente se constituem como professores e vivenciam situações de discriminação em razão de sua orientação sexual. Nesse sentido, há um entrelaçamento entre narrativas, trajetórias e posicionamentos, produzindo uma escrita implicada, na qual pesquisa e experiência se articulam de modo indissociável.

4 Butler (2024b) acrescenta que a heteronormatividade e impõe limites às expressões de gênero e sexualidade, o que é possível por meio de práticas rejeitadas compulsórias que geram uma heterossexualidade normativa.

5 O nosso objeto de estudo são professores e estudantes da comunidade LGBTQIAPN+ que entram e saem de nossas escolas por sofrerem discriminação por conta de suas orientações sexuais.

Desta maneira, constatamos as mais profundas discriminações nos relatos dos sujeitos da pesquisa, de modo que passamos a tratá-los como objetos de análise. Essa postura frente aos relatos em tela nos possibilita diversas reflexões sobre as identidades de gênero e sexuais, especificamente de acordo com as proposições de Louro (2014, p. 53), quando diz: "Queremos significar algo distinto e mais complexo do que uma oposição entre dois polos". Logo, as várias sexualidades e gêneros possuem uma interdependência, ou seja, narram e afetam umas às outras.

De acordo com Butler (2024a) e Louro (2014), nossa sociedade, prenhe de narrativas hegemônicas brancas, heterossexuais, cristãs e de superioridade masculina, tem reproduzido as mais degradantes discriminações no que diz respeito aos saberes e às experiências de docentes que vivenciam sexualidades dissidentes. Em função disso, o conservadorismo dos "bons costumes" adentra nossas escolas e tenta nos apagar, sem, todavia, ao menos considerar nossas representações.

As salas de aula constituem relevantes espaços de experiências em nossas vidas profissionais e sociais, ambientes marcados pela presença de professores e alunos que sofrem discriminação, práticas "comuns" que levam alguns, em muitos casos, a abandonarem as escolas. Matos (2021), em seus textos, narra as vivências dos sujeitos que sofrem preconceito por meio de ações e atitudes discriminatórias, confirmando nossas hipóteses. Logo, podemos dizer que nossas escolas não possuem reflexividade com os membros da comunidade LGBTQIAPN+.

Os estereótipos impostos a nós, perpassados por meio de brincadeiras e práticas desagradáveis, estão presentes no cotidiano da educação. Em virtude disso, Silva e Rocha (2023, p. 336) afirmam que

> As várias faces da homofobia se traduzem em agressões veladas ou explícitas, físicas ou psicológicas advindas da incompreensão e/ou da não aceitação das identidades de gênero e das sexualidades não correspondentes ao padrão cis heteronormativo [...]. Mesmo a LGBTfobia sendo criminalizada, infelizmente ainda não é garantido o livre acesso social a essas pessoas, sem que sejam violentadas apenas por serem quem são.

Essa incompreensão de que falam os autores pode ser percebida por todos nós, sujeitos com sexualidades dissidentes, que vivenciamos as escolas, principalmente quando identificamos que outros sujeitos escolares não aceitam nossas diversidades de gênero e sexual. É comum escutarmos "brincadeiras" como "Isso é uma bichona!" ou "Isso é gayzinho!". Seja com os alunos ou com professores, brincadeiras homofóbicas no espaço escolar acontecem sem qualquer direito de defesa às vítimas. Conforme Louro (2014, p. 71):

> Tão ou mais importante do que escutar o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não dito, aquilo que é silenciado – os sujeitos que não são, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais – e da homossexualidade – pela escola.

Somos recusados nas escolas, nossos saberes são eliminados, nossas práticas não são nomeadas, ou seja, somos constantemente invisibilizados, assim como nossas experiências e existências não são

relatadas ou evidenciadas. Em suma, somos excluídos do pensamento docente, bem como discente.

Diante disso, o conceito de "certo" vem envolto de questões emocionais, e os desafios expostos aos docentes homossexuais, especialmente aos gays, envolvem aspectos de preconceito institucional e invisibilidade de nossas identidades, demandando a necessidade de termos de provar nossa competência[6] constantemente. Louro (2014) pondera sobre nossa "expulsão" das escolas, nosso afastamento e, novamente, a expulsão da feminilidade e da homossexualidade do saber-fazer escolar. Em resumo, nossas experiências estão interligadas ao cotidiano decolonial[7]. No entanto, precisamos superar essas e outras narrativas negativas a nosso respeito.

As reflexões acerca das narrativas e experiências vividas nas escolas nas quais trabalhamos ao longo dos anos tiveram por base os espaços de educação formal. Nosso olhar acerca do objeto de estudo é muito do que vivemos na prática. Por isso torna-se urgente falarmos de homossexuais, lésbicas, transexuais, travestis ou qualquer gênero que aponte para a diversidade em seu sentido mais amplo.

A docência é uma atividade que requer dedicação, conhecimento e compromisso com a educação e o bem-estar dos professores e estudantes. Contudo, para docentes gays[8], a experiência em sala de aula pode apresentar desafios adicionais, que envolvem questões de identidade, aceitação e resistência diante dos preconceitos. Ao mesmo tempo, esses profissionais desempenham um papel crucial na formação de um ambiente educacional mais inclusivo e acolhedor.

Gênero e diversidade sexual são temas que marcam nossas histórias e as vidas dos estudantes que ajudamos diariamente nas aulas. Formas mais degradantes possíveis de discriminação foram identificadas nos espaços das escolas tocantinenses, como: i) piadas ou modulações; ii) alunos que foram convidados a se retirar da unidade escolar por terem familiares homossexuais; e iii) violência homofóbica contra nós mesmos, professores, considerando as agressões que costumeiramente sofremos.

Não raramente, somos chamados de "bichinhas", "gayzinhos", "mulherzinhas" ou de qualquer outro termo que agregue sentido pejorativo. Pelo fato de existirmos como gays e professores, nossos objetos de estudo, inicialmente, foram tratados de modo trivial na amostragem em bola de neve. Os primeiros participantes da pesquisa estavam em monitoramento nas escolas das nossas regionais e, por isso, entramos em contato com outros sujeitos indicados por eles para nos ajudar nesse levantamento.

Ao acessar nosso objeto de estudo, identificamos o preconceito, o bullying, as discriminações e as agressões físicas ou psicológicas sofridas por professores e alunos nas escolas tocantinenses, especificamente nos municípios de Cariri e Guaraí.

Nossas inquietações nos levam a essas experiências a partir do levantamento, quando perguntarmos um por um dos abordados se conheciam outras pessoas que também passaram por situações constrangedoras ou que sofreram violências físicas ou verbais no ambiente escolar. Os relatos mapeados davam conta da necessidade de ouvirmos aqueles que foram historicamente marginalizados.

6 Palavra usada no materialismo histórico e dialético.

7 O decolonialismo é uma perspectiva crítica que desafia a supremacia do pensamento eurocêntrico e procura dar valor às epistemologias marginalizadas, particularmente as dos povos indígenas, afrodescendentes e outras comunidades historicamente colonizadas.

8 Professores gays têm desafios além da prática pedagógica. O preconceito e a discriminação ainda estão presentes na escola, tanto por parte de colegas quanto de estudantes e suas famílias. A orientação sexual do professor pode ser um tema sensível ou polêmico, gerando resistências e até assédio moral.

Logo em seguida, esses primeiros contatos ligavam para outros colegas ou amigos que enfrentaram ou enfrentam situações semelhantes. Alguns sujeitos, inclusive, narram a oposição da parte de alguns gestores que os aturavam por falta de profissionais cisgêneros com formação na área.

Por mais que ainda tenham sido relatados alguns pontos, futuramente serão necessárias novas entrevistas para uma averiguação minuciosa das experiências docentes. Pesquisar gênero e diversidade sexual é necessário, pois permite que possamos ouvir as vozes/vivências daqueles que foram marginalizados e silenciados pela sociedade. (In)diretamente, ao longo da investigação, passamos a enxergá-los e a escutá-los.

As discriminações e violências são explícitas em algumas escolas, como, por exemplo, quando dizem que não "querem viados"[9] ou gays nesses lugares. Ainda iremos trabalhar com mais entrevistas que nos levarão a entender melhor os nossos sujeitos e as nossas investigações. E, por mais que estejamos na fase inicial das nossas investigações, já podemos reforçar a veracidade das narrativas daqueles que são submetidos a diversos tipos de preconceito e discriminação por não se encaixarem em um padrão de masculinidade estruturalmente cristalizado na cultura ocidental. Por isso precisamos problematizar os saberes, ouvir as vozes, perceber os corpos e, principalmente, elucidar as narrativas de ódio proferidas aos que sobrevivem aos mais diversos vexames dos que estão na heteronormatividade.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

O método biográfico é amplamente utilizado na Educação e nas Ciências Humanas, pois visa as experiências de vida dos sujeitos no seio social, dando formas e significados às suas existências. Este artigo utiliza esse método como caminho para entender professores homossexuais e dar significados às suas experiências no espaço escolar (Delory-Momberger, 2012).

Para Delory-Momberger (2012), os aspectos dessa pesquisa ainda são muito fortes, pois dão sentido aos valores das escritas de vida e experiências. Diante disso, estudos que utilizam essa metodologia consideram o (re)pensar das identidades e das subjetividades. Além disso, nossa análise considera as identidades e subjetividades de nosso objeto de estudo - professores homossexuais, posto que precisamos falar e ouvir sobre as nossas existências. Novamente, utilizamos uma citação de Delory-Momberger (2012, p. 525), que diz:

> A atividade biográfica não fica mais restrita apenas ao discurso, às formas orais ou escritas de um verbo realizado. Ela se reporta, em primeiro lugar, a uma atitude mental e comportamental, a uma forma de compreensão e de estruturação da experiência e da ação, exercendo-se de forma constante na relação do homem com sua vivência e com o mundo que o rodeia. A utilização dos termos biografia e biográfico para designar não a realidade factual do vivido, e sim o campo de representações e de construções segundo as quais os seres humanos percebem sua existência, enfatiza até que ponto essa compreensão narrativa da experiência se apresenta como uma escrita, isto é, como um modo de apreensão e de interpretação da vivência, com sua dinâmica e sua sintaxe, seus motivos e suas figuras.

9 É um termo usado para ofender homens gays que fogem da masculinidade hegemônica.

A citação supramencionada nos faz pensar pontos que consideramos extremamente relevantes, como I) a forma de compreensão das experiências e de suas ações; II) a relação do homem com suas vivências; III) a percepção do homem em sua existência; e, por fim, IV) a apreensão e interpretação das vivências. Nossa investigação, mais uma vez, permite-nos compreender as ações e experiências docentes de professores gays, tratados pejorativamente como "bichas", considerando que essas vivências os marcam profundamente, pois estão presentes no cotidiano das escolas. Por fim, ressaltamos que este trabalho é de suma relevância, pois parte justamente das experiências de professores homossexuais.

Nossa investigação apresenta ainda um arcabouço relevante para darmos visibilidade às vozes de professores homossexuais. Partindo de um dos métodos selecionados, os participantes narram suas experiências e vivências nas escolas[10], especialmente na sala de aula. Trata-se da abordagem em bola de neve que, sob uma perspectiva qualitativa, permite explorar as relações do pesquisador e do conhecimento acerca do processo de coleta de dados. De acordo com Chiara (2005, p. 96):

> A indicação sucessiva de entrevistados, que consiste em solicitar aos indivíduos que indiquem seus pares e aos pares destes que indiquem os seus e assim sucessivamente [...] Membros de uma comunidade (members of the core community) apresenta-se aos respondentes uma lista com todos os membros de uma comunidade (uma empresa, uma associação ou um grupo de pessoas previamente definidas) para indicação de seus pares.

A autora fala da importância desse método para que: I) os sujeitos da pesquisa (o objeto de estudo) indiquem mais sujeitos para responderem às perguntas, no nosso caso, direcionadas aos professores homossexuais e suas vivências discriminatórias; e II) para que criem uma lista de sujeitos indicados por seus pares. Por isso a relevância de uma rede de comunicação com grupos socialmente discriminados ou excluídos.

Para Vinuto (2014), o presente método possui uma construção a partir de um sujeito inicial. Como já mencionado anteriormente, o bola de neve é essencial para as pesquisas que desenvolvemos, pois lança mão de documentos ou informantes-chave, partindo de uma nomeação de "sementes". Ainda conforme a autora (2014, p. 203), "a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa". No entanto, cada sujeito faz parte de grupos difíceis de serem acessados, o que ajuda a tornar o estudo relevante junto ao saber científico.

Por fim, a maior relevância deste trabalho é dar destaque às vozes dos que sofrem preconceito no espaço escolar, colocando-os como sujeitos de saberes curriculares e profissionais, mas também como sujeitos de experiências e vivências, capazes de compartilhar saberes que podem ser estudados cientificamente. Entre os métodos autobiográfico e o bola de neve, estamos nós, os pesquisadores, homens gays, que também passamos pelos mesmos problemas nas escolas em que trabalhamos. Logo, para nós, a referida pesquisa nos dá a oportunidade de evidenciar e combater discriminações e casos de bullying e preconceito contra nossa comunidade.

10 Os sujeitos da pesquisa relataram suas experiências como professores homossexuais em entrevistas orais autorizadas, realizadas com consentimento livre e esclarecido. Seus depoimentos evidenciam desafios, enfrentamentos e estratégias de resistência no cotidiano escolar, contribuindo para a compreensão das dinâmicas de discriminação e das práticas pedagógicas atravessadas pela orientação sexual.

Optamos por iniciar nossa investigação lançando mão de uma pesquisa bibliográfica, por compreender sua importância para o delineamento do problema e para a construção do referencial teórico e fundamentação científica de nosso estudo. Esse tipo de investigação, segundo Gil (2008), permite identificar, analisar e interpretar as contribuições teóricas já consolidadas sobre determinado tema, sendo essencial para orientar a formulação de hipóteses e para aprofundar o conhecimento sobre o objeto investigado. Sendo assim, esse método, ao reunir obras que abordam direta ou indiretamente o campo temático, viabiliza o contato com diferentes concepções e abordagens, ampliando nosso horizonte de compreensão.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de materiais já publicados, como livros, artigos científicos, dissertações e teses, com o objetivo de recolher, organizar e analisar criticamente as produções que sustentam o tema em estudo. Para os autores, trata-se de um recurso que não apenas informa, mas também estimula a reflexão crítica, sendo uma etapa imprescindível para a construção de qualquer trabalho científico. Nesse sentido, Rampazzo (2005) destaca que esse tipo de investigação exige mais do que a coleta de dados secundários, demandando análise criteriosa, seleção e articulação teórica entre os autores e as ideias por eles defendidas.

Sousa, Oliveira e Alves (2021, p. 65) afirmam que

> A pesquisa científica é iniciada por meio da [...] bibliográfica, em que o pesquisador busca obras já publicadas relevantes para conhecer e analisar o tema-problema da [...] a ser realizada. Ela nos auxilia desde o início, pois é feita com o intuito de identificar se já existe um trabalho científico sobre o assunto da pesquisa a ser realizada, colaborando na escolha do problema e do método adequado.

Ao nos debruçarmos sobre os estudos já existentes acerca da nossa temática, conseguimos compreender melhor o contexto das relações de gênero, diversidade sexual e experiências docentes, situando nosso estudo no campo das ciências humanas e sociais, posto que Severino (2007) ressalta que a pesquisa bibliográfica possibilita a compreensão dos conceitos fundamentais relacionados ao objeto investigado e permite uma aproximação com as categorias analíticas centrais.

Já para Oliveira (2010), o método bibliográfico favorece o reconhecimento de diferentes correntes teóricas, permitindo que possamos construir um olhar mais plural e interdisciplinar sobre o fenômeno estudado. Ao realizarmos essa etapa, tivemos acesso a autores como Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Berenice Bento, Michel Foucault e Jaqueline Gomes de Jesus, cujas contribuições foram fundamentais para o aprofundamento crítico da discussão sobre identidade, performatividade, normalização e resistência no ambiente escolar.

Assim sendo, a presente investigação foi orientada por critérios de relevância, atualidade e rigor acadêmico, selecionando materiais que dialogam diretamente com as vivências de professores gays na educação básica, especialmente no contexto da região Norte do Brasil. A escolha dessa abordagem metodológica permitiu a construção de um referencial crítico, comprometido com os princípios dos direitos humanos, da equidade e da justiça social, contribuindo para a desconstrução de discursos discriminatórios ainda presentes no cotidiano das escolas.

As primeiras aproximações com os participantes do estudo ocorreram por meio de contatos informais, conversas exploratórias e solicitações de indicações com base na técnica de amostragem por bola de neve. Essas interações iniciais possibilitaram o mapeamento de experiências significativas, que posteriormente serão analisadas a partir do referencial construído. As entrevistas semiestruturadas, planejadas com base nos eixos temáticos identificados na revisão bibliográfica, buscarão compreender as trajetórias docentes, os enfrentamentos e as estratégias de resistência de professores homossexuais frente ao preconceito, à exclusão e à heteronormatividade institucionalizada nas práticas escolares.

Portanto, compreendemos que a pesquisa bibliográfica não apenas fundamenta teoricamente a investigação como também direciona o olhar do pesquisador para a complexidade dos fenômenos sociais. Ao nos apropriarmos criticamente das produções acadêmicas existentes, reafirmamos o compromisso com uma ciência empenhada com a transformação social, com a valorização das diversidades e com a escuta ativa de sujeitos historicamente marginalizados. Nossa investigação apresenta uma perspectiva de resistência e emancipação, em que o conhecimento se torna ferramenta de luta e afirmação de identidades dissidentes.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentamos um percurso de análise a partir de excertos das histórias dos entrevistados. Para preservar a identidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa, recorremos ao uso pseudônimos. Abaixo, Excerto 1.

EXCERTO 1
Durante um dia comum de trabalho, a equipe diretiva o chamou à sala da direção para adverti-lo de que, naquele município, ele não deveria aparecer em público acompanhado de alguém com quem se relacionasse afetivamente. A justificativa apresentada estava baseada em preconceitos e julgamentos morais. Contudo, após sua aprovação em concurso público e a consequente garantia formal de seus direitos, tais práticas foram gradualmente cessando, embora nunca tenham sido reconhecidas ou reparadas pela gestão (Zeus, lotado no município de Cariri do Tocantins).

De acordo com o fragmento acima, o entrevistado passou por um período de censura por parte da gestão da escola em que trabalhava, que chegou a recomendar o não aparecimento público do professor com seu então companheiro. Do ponto de vista dos estudos de gênero, trata-se de uma tentativa de silenciamento ancorada pela homofobia estrutural (Roseno; Auad, 2021). Além disso, evidenciamos também um caso de assédio explícito, considerando que partiu da equipe diretiva.

A diversidade de gênero no espaço escolar passa por diversos entraves de empatia e respeito motivados pela postura desumana dos demais professores e dos gestores. De acordo com Matos (2021), nas instituições de ensino formal prevalecem relatos de violência homofóbica, tornando-as espaços de difícil convivência. Abaixo, Excerto 2.

EXCERTO 2
Ele percebeu que as piadinhas que o atingiam não eram manifestadas por palavras, mas pelos olhares que encontrava diariamente. Esses olhares não apenas tentavam definir sua competência profissional, mas também questionavam sua legitimidade enquanto sujeito no mundo. Na percepção de Apolo, os silêncios e as expressões faciais tinham um peso ainda maior do que qualquer comentário verbal poderia ter. Eram olhares que carregavam crenças e estigmas, comunicando rejeição ou desconforto sem que nada fosse dito (Apolo, lotado no município de Cariri do Tocantins).

De acordo com o trecho acima, o entrevistado sentia a violência homofóbica de maneira velada no espaço escolar em que vivia, sendo manifestada, geralmente, mediante olhares atravessados. Isso, conforme Butler (2014a), aponta para relações mediadas por conflitos camuflados, que tendem dizer uma coisa e praticar o contrário.

A hipocrisia, especialmente quando tenta associar a diversidade de gênero à qualificação profissional, ainda é algo frequente nos espaços de educação formal. Isso porque, não raramente, professores homossexuais são vítimas de percepções preconceituosas que, por vezes, tentam descredibilizar seu trabalho e sua preparação intelectual (Roseno; Auad, 2021). Abaixo, excerto 3.

EXCERTO 3
As piadas eram frequentes. Algumas eram ditas em forma de "brincadeiras" entre colegas no corredor, outras surgiam em tons de sussurro quando ele se aproximava. Havia, inclusive, quem insinuasse que sua presença poderia influenciar negativamente os estudantes, reforçando o discurso preconceituoso de que professores homossexuais "criam mais gays" ou representam algum tipo de ameaça moral. Esse tipo de comentário, mesmo quando não dito diretamente a ele, circulava no ambiente escolar e chegava ao seu conhecimento, produzindo um clima hostil que o acompanhava diariamente (Dionísio, lotado no município de Guaraí).

O extrato acima retrata a homofobia como mera "brincadeira" e, por vezes, de maneira mais agressiva, tratada como "má influência" da parte dos sujeitos gays. Trata-se, na verdade, de um exemplo frequente de bullying no espaço escolar, o que pode tornar a pessoa traumatizada por toda uma vida (Salih, 2012). Por fim, segundo Matos (2021), essa prática de interação é tóxica, o que configura uma iniciativa violenta, tornando o espaço escolar um ambiente hostil e de difícil permanência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou compreender as experiências de professores homossexuais no contexto escolar, utilizando metodologias que permitiram uma abordagem reflexiva e inclusiva. Por meio do método biográfico, foi possível acessar as narrativas desses educadores, revelando como suas identidades e vivências influenciam sua prática pedagógica e suas interações no ambiente escolar.

A implementação do método de amostragem em bola de neve foi essencial para ampliar a rede de participantes, permitindo que os professores consultados inicialmente indicassem outros colegas para que compartilhassem experiências semelhantes. Essa estratégia proporcionou uma visão mais abrangente e diversificada das vivências desses professores no espaço escolar, revelando um panorama complexo e multifacetado da realidade enfrentada por educadores LGBTQIAPN+ nas escolas estaduais do Tocantins. As narrativas coletadas demonstraram que, apesar dos desafios e das violências impostas, muitos desses professores demonstram resiliência e compromisso com uma educação inclusiva e transformadora.

Além disso, a pesquisa bibliográfica fundamentou as discussões teóricas sobre gênero e diversidade sexual, evidenciando a necessidade de refletir criticamente sobre as dinâmicas sociais que afetam a vida de professores homossexuais. O estudo fornece uma contribuição importante para o campo da educação, ao promover maior visibilidade das questões de gênero e sexualidade e ao chamar a atenção para a urgência de um ambiente escolar que respeite e celebre a diversidade.

Por fim, é imperativo que futuras pesquisas continuem a explorar as experiências de professores homossexuais e outros grupos marginalizados, visando criar um espaço educacional que não apenas reconheça, mas também valorize a diversidade em todas as suas formas. Somente assim poderemos construir uma escola verdadeiramente inclusiva, isto é, na qual todos os educadores e alunos possam se sentir seguros e respeitados.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Quem tem medo do gênero?** São Paulo: Boitempo, 2024a.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade**.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024b.

DELORY-MOMBERGER, C. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira. Revisão técnica de Fernando Scheibe. Universidade de Paris, 2012.

GIL, A. C**. Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.

MATOS, T. A. V. de. **Gênero e sexualidade na escola:** o paradoxo da in/exclusão. Curitiba: Appris, 2021.

OLIVEIRA, S. M. P. C. **Pesquisa científica:** da concepção ao texto final. São Paulo: EPU, 2010.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica:** para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: Atlas, 2005.

ROSENO, C. dos P.; AUAD, D. Lésbicas e professoras: a construção de saberes docentes a partir das lesbianidades. **Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 12**, Florianópolis, 2021.

SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, J. R. da; ROCHA, J. D. T. Estado da arte sobre homofobia e educação no contexto de pós-graduação amazônico. Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, VIII, Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade, IV e Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade, IV. **Anais[...],** 2022.

SOUSA, A. S. de; OLIVEIRA, G. S. de; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, Monte Carmelo, MG, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

SOUSA, E. da S.; OLIVEIRA, J. B.; ALVES, A. F. **Manual de metodologia da pesquisa científica:** fundamentos e práticas. Curitiba: Appris, 2021.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

VALENTIM, M. L. P. (org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da informação**. São Paulo: Polis, 2005.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

Recebido em: 21 de Novembro de 2025
Avaliado em: 2 de Março de 2026
Aceito em: 16 de Abril de 2026

A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site https://periodicos.set.edu.br

Copyright (c) 2026 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

1 Mestrando em Educação, Universidade Federal do Tocantins (UFT); Professor da Rede Estadual de Educação do Tocantins.
E-mail: ewerton.dias@mail.uft.edu.br

2 Mestrando em Educação, Universidade Federal do Tocantins (UFT); Professor da Rede Estadual de Educação do Tocantins e Rede Municipal de Cariri do Tocantins.
E-mail: ederson.soares@mail.uft.edu.br

3 Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA); Professor da Universidade Federal do Tocantins (UFT).
E-mail: damiao@uft.edu.br